



## PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO EM FORMA E CONTEÚDO: A DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA DE PROFESSORES QUE OUSARAM PEGAR NA SEMENTE DA PALAVRA

*Greice Duarte de Brito Silva*<sup>1</sup>

*Lorelay Pereira Brandão*<sup>2</sup>

*Eixo temático: 7 - Alfabetização e formação inicial e continuada de professores*

**Resumo:** O artigo analisa a documentação narrativa de professores-cursistas produzida no Curso de Extensão “Para pegar na semente da palavra: processos de alfabetização em forma e conteúdo”, oferecido nos anos de 2020 e 2021 durante a pandemia de Covid-19. Na defesa de uma abordagem poética-estética, o curso promoveu a reflexão teórico-prática dos processos de alfabetização que envolvem professores, crianças, jovens e adultos em encontros sustentados por princípios éticos, políticos e estéticos, através de atividades síncronas e assíncronas. A formação continuada teve como público-alvo docentes da rede pública de ensino que atuam no ciclo de alfabetização do Ensino Fundamental (regular e EJA), tendo em vista a centralidade dos sujeitos nas experiências educativas. Envolveu fundamentos e práticas de leitura e escrita em uma perspectiva discursiva, no entendimento da sala de aula como espaço de formação de leitores e de relação/produção de textos, considerando autoria e criação. Neste sentido, a promoção de experiências estéticas e a relação entre Arte, Cultura e Natureza trouxe oportunidades de ampliação do conhecimento pessoal e profissional, integrando a dimensão humana. Com possibilidades de identificação e reconstrução de concepções e práticas alfabetizadoras, a partir de uma concepção ampliada de leitura, de escrita e da valorização da narratividade dos estudantes e dos docentes. A análise da documentação narrativa revela um potencial de enriquecimento das relações dialógicas e afetivas ocorridas na escola, onde a ação educativa é constituída pelo processo de humanização e de aprendizagens, sendo produzida e realizada por professores.

**Palavras-chaves:** Formação continuada de professores - Formação docente na pandemia - Documentação narrativa - Alfabetização poética/estética - Perspectiva discursiva

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UFF. Professora da Educação Básica do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni-UFF). Contato: [greicedbrito@gmail.com](mailto:greicedbrito@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela UFF. Professora da Educação Básica do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni-UFF). Contato: [lorelaybf@id.uff.br](mailto:lorelaybf@id.uff.br)

## Introdução

Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).  
Manoel de Barros

Em tempos de violência contra as escolas e ataques aos professores, faz sentido discutir a profissionalização docente, no escopo da formação permanente, tomando por base a vida em detalhes, as histórias e os sujeitos. Aquilo que forma professores, que nos faz quem somos. As insignificâncias ou as desimportâncias, como diz o poeta. O que é considerado menos importante para os negacionistas e são valiosos fragmentos para quem acredita na educação enquanto formação humana. Por isso, perguntamos: quem descobre? quem vê? Esse é poderoso! É ele quem encontra no mundo e em nós, futilidades - nem tão fúteis assim - que subsidiam processos formativos de professores alfabetizadores.

Apresentamos, assim, as reflexões produzidas durante as duas edições do Curso de Extensão “Para pegar na semente da palavra: processos de alfabetização em forma e conteúdo”. Organizado por professoras da Educação Básica de um Colégio Universitário, em resposta às reais necessidades das realidades diversas do estado do Rio de Janeiro. Assim, articulada aos direitos da infância, de jovens, adultos e idosos, a proposta foi organizada para estreitar o diálogo com municípios e instituições públicas.

Das experiências exitosas de redes de ensino, somada à experiência como formadoras no Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa – o PNAIC, construiu-se uma proposta de formação continuada de alfabetizadores que dialoga com diferentes concepções e metodologias. Reconhecendo que há uma grande demanda de professores desejosos de reverem o próprio trabalho, suas opções teórico-metodológicas, numa perspectiva crítica e criativa. Na qual, parte dessa busca, relaciona-se ao caráter intrínseco do fazer docente, um desafio que sempre exigirá reflexão, frescor e arejamento.

No entanto, ao contrário do que precisam para enriquecer suas práticas, professores seguem abatidos, sem tempo dedicado ao planejamento e com a carreira deteriorada. E, ainda, são pressionados pelo permanente estado de urgência no que diz respeito à alfabetização, ao contingente de estudantes semi-alfabetizados, inclusive, terminando a Educação Básica, com desempenho muito baixo quando se trata de leitura e escrita, ou seja, depois de anos e anos de escolarização. Tudo parece ainda mais complexo porque sabemos que os estudantes já chegam à escola com o domínio de sua língua materna, possuidores de uma gramática interna. Intuitivamente, já dominam várias regras de como a língua funciona. O que tem acontecido, então? Quais serão as alavancas detonadoras do fracasso? Certamente, a escola que se conhece, em geral, tem reduzido a significatividade da leitura do

mundo ou do contexto vital da criança de um conjunto normativo de saber.

Neste contexto, foi criado como projeto de extensão um espaço articulador, de compartilhamento de práticas, problematizando-as, como possibilidade de resignificação - a partir de um reconhecimento mútuo de saberes produzidos com as pesquisas e com as práticas no chão da escola que, como sabemos, podem estar mais ou menos articuladas. Buscamos então por conexões! São justamente elas que nos ajudarão a unir uma abordagem mais complexa porque é, ao mesmo tempo, política, filosófica, estética e também metodológica sobre as práticas de leitura e de escrita numa perspectiva mais ampla.

As ações propostas alimentaram o sonho da formação cidadã, não sendo indiferente a nenhum/a educador/a, ou seja, deu-se em uma aproximação crítica e amorosa com a realidade e que se perguntava pelo sentido das coisas. Nas interações, pelo diálogo, forjou-se um espaço conjunto para pensar o que vivemos, o que/como lemos; para correr riscos e imaginar; resgatar a experiência vivida, recriar, procurar, transformar. O ponto de partida sempre foi e será o/a professor/a leitor/a, sensível, competente e entusiasmado/a, capaz de dividir com os estudantes os encantamentos de suas descobertas.

## **2 Fundamentação teórica**

A alfabetização é um campo de muitos debates e desafios. Devido a sua grande complexidade e suas multifacetadas, diferentes concepções deste conceito revelam diferentes objetos da aprendizagem inicial da escrita. O que se ensina quando se ensina a língua escrita? As divergências sobre o conceito de alfabetização, dentre outros fatores, implicam numa querela dos métodos (MORTATTI, 2008). Muito tem se discutido sobre como ensinar o sistema de escrita alfabética, porém há muitos anos que não conseguimos alterar significativamente as cifras dos milhões de adultos analfabetos que passaram pela escola. O número é mais alarmante se considerarmos os analfabetos funcionais e, ainda, aqueles que, sendo considerados alfabetizados, estabelecem uma relação pífia com a leitura e a escrita.

Sabemos também que todos os anos são muitos os estudantes que ingressam na escola, para iniciarem a sua jornada intelectual - incluímos aqui, o estético, o relacional, o cultural. Além de cadernos, lápis, borrachas, também levam em suas mochilas alguma experiência de contato com a leitura e a escrita em maior ou menor grau, construída em seu universo sócio-cultural, e, claro, a competência de oralidade no domínio de sua língua materna. Contam, então, com a escola, com os seus professores, na proposição de desafios que os ajudem nesta aventura do conhecimento. No entanto, algo dá errado no meio do caminho e vivemos a dura realidade do analfabetismo e os seus desdobramentos. Acreditamos que um passo importante no sentido de alterar tal quadro terá de passar pela rediscussão das imposições clássicas de conteúdo/forma no que diz respeito à alfabetização,

ao ensino da Língua nos Anos Iniciais, posto que o modo tradicional de ensino não atende às reais necessidades (práticas e afetivas) do aprendiz (tampouco do professor) nem responde às demandas mais amplas da sociedade no que diz respeito ao domínio da leitura, da escrita e à formação cultural/intelectual dos cidadãos.

Este curso de extensão propõe-se, portanto, apresentar e refletir sobre os pressupostos teóricos-metodológicos que contribuem para a sustentação de princípios de uma alfabetização numa perspectiva discursiva e poética/estética, em que os discursos produzidos pelos diferentes sujeitos são tomados como unidade de trabalho, bem como as experiências estéticas promovidas na relação entre Arte, Cultura e Natureza.

Tendo como pressupostos teóricos os estudos do campo da Linguagem dos autores Mikhail Bakhtin e Lev Vigotski, defendemos que as interações discursivas devem ser a base do trabalho pedagógico. Isso significa dizer que, por meio de um processo dialético e dialógico, as enunciações dos sujeitos é que orientam o ensino da leitura e escrita. No encontro com o outro, no intercâmbio de experiências, na produção de novos sentidos é que os sujeitos articulam seus conhecimentos, ampliando-os (GOULART, 2019). Nessa direção, o ensino da língua escrita deve possibilitar que os sujeitos digam seus discursos, narrem o que pensam, o que vivem, o que imaginam, de maneira que atribuam significado às práticas de leitura e escrita, como parte de seu cotidiano.

A escola deve ser o lugar do confronto criativo dos sentidos. As crianças precisam ter experiências, tantas quantas forem possíveis, para que componham seus pensamentos, suas imaginações, suas possibilidades de ver o mundo de formas ampliadas. Em todas as áreas - cognitivas, estéticas, éticas, sociais - e em todas as direções. Quantas experiências as crianças viveram hoje na escola? Este deve ser o índice da qualidade do ensino-aprendizagem. (MELLO, 2017, p.124).

### **3 Metodologia**

A primeira edição do curso foi realizada no período entre maio e julho de 2020, com o total de 10 encontros síncronos e carga horária de 60 horas. Foi oferecida para duas turmas com 30 vagas cada para professores do 1º ano da rede pública de ensino do Rio de Janeiro (regular e EJA), recorte necessário para limitarmos o público a ser atendido. Ainda assim, destacamos que houve mais de 900 inscrições, o que nos sinaliza a grande demanda de professores interessados na proposta de uma concepção de alfabetização mais ampliada, conectada à dimensão humana.

A segunda edição foi realizada para docentes do ciclo de alfabetização da rede municipal de Paraty devido a um convite específico da Secretaria de Educação do Município à comissão organizadora do curso. Para atender esta demanda, reorganizamos a proposta e

oferecemos 60 vagas aos docentes que atuavam no ciclo de alfabetização do Ensino Fundamental (regular e EJA). O curso foi desenvolvido no período de julho a outubro de 2021, com o total de 6 encontros síncronos e carga horária de 45 horas.

As propostas dos encontros síncronos, via *Google Meet* e em ambas as edições, foram organizadas e desenvolvidas a partir de três eixos de trabalho: (A) Grandes conceitos da alfabetização e suas interseções com as concepções de sujeitos, de linguagens e de culturas; B) Perspectiva poética/estética de alfabetização; C) Processos de criação nas práticas de leitura e de escrita, com crianças/jovens/adultos.

A primeira atividade do curso foi a elaboração de um memorial sobre a trajetória de cada um no ciclo de alfabetização. Consideramos o memorial como um relato de memória, uma narrativa que conta do percurso, da trajetória de vida, acadêmica e/ou profissional. Não havia um padrão de escrita, a proposta era de um trabalho autoral que trouxesse a história do cursista a partir de sua própria narrativa. Experimentar, antes mesmo do início do curso, o processo de uma escrita autoral. Esses memoriais foram utilizados e mencionados durante o curso, ao longo dos módulos.

Foi criada uma pasta compartilhada no *Google Drive* com todos os materiais apresentados e indicações bibliográficas a fim de que os cursistas pudessem consultá-los posteriormente, favorecendo ainda a elaboração do portfólio, entregue ao final do curso como requisito para recebimento do certificado de participação.

Os portfólios foram produzidos no decorrer das atividades, na medida do possível, comentados no processo de elaboração e apresentados no último encontro. As apresentações reuniram análise crítica e sensibilidade estética, ou seja, "prosa" e "poesia", com as quais os encontros foram tecidos.

#### **4 Resultados e Discussão**

As mudanças na sociedade, e principalmente em um período pandêmico, trouxeram incontáveis desafios para todos os docentes, e principalmente aqueles que trabalham com alfabetização. Neste sentido, o aspecto político da alfabetização se sobressai, pois como afirma Goulart (2014, p. 35), "o Brasil tem apresentado historicamente dificuldades para universalizar a aprendizagem da leitura e da escrita de maneira socialmente significativa." A esfera da negação do direito à educação, atravessa as questões que permeiam a formação social brasileira e a educação pública no país. Por isso, o aprofundamento teórico nos processos de alfabetização abrangem o debate em torno da supressão das desigualdades sociais, e compreensão da realidade dos sujeitos envolvidos no processo, que para nós, trata-se das crianças, jovens e adultos da classe trabalhadora. Assim, vislumbramos caminhos para

enfrentá-lo, e formas de aprofundar teoricamente o campo da alfabetização dando centralidade ao professor, ao diálogo e o desejo, por uma alfabetização discursiva e poética/estética.

Na interface pesquisa-extensão-ensino, os professores dos anos iniciais do Colégio Universitário têm desenvolvido algumas ações, entre elas, duas edições do curso de extensão em ambiente virtual, via Google Meet, utilizando como metodologia rodas de conversa, aulas expositivas, e dinâmicas em diferentes linguagens. Recursos textuais, exposições virtuais, leitura afetiva, material audiovisual, entre outros, foram utilizados nos encontros pelas janelas virtuais. Os resultados do trabalho podem ser acompanhados pelos portfólios, que registram e documentam o percurso do estudante/professor durante o curso.

Os cursistas compartilharam suas impressões e suas experiências sobre os aspectos abordados no curso, que discorria acerca dos grandes conceitos da alfabetização e suas interseções com as concepções de sujeitos, de linguagens e de culturas; Perspectiva poética/estética de alfabetização; Processos de criação nas práticas de leitura e de escrita, com crianças/jovens/adultos. Observaram, registraram e então puderam refletir sobre os acontecimentos do passado e do presente. Como resultados desta aposta, podemos acompanhar alguns trechos que destacam-se entre os portfólios. Os nomes foram alterados para preservar suas identidades.

Antes do curso começar refleti sobre o nome dele... a semente da palavra... "Eu nunca vi isso na faculdade... Acho que não é pra mim esse negócio de semente, não sei o que é isso." Mesmo assim, fui ao primeiro encontro descobrir do que se tratava. E não é que deu certo? Na primeira provocação feita aos cursistas "De onde veio o desejo de pegar na semente da palavra?" resgatei memórias afetivas e além das palavras, as lágrimas também transbordaram. (Cursista Tais, 2020)

As experiências compartilhadas neste dia me fizeram refletir bastante sobre um episódio ocorrido na turma que sou professora. Um estudante, com um histórico complicado de contexto familiar, apoio, acompanhamento e comportamento realizou uma contação de história riquíssima, cheia de aventura, criatividade, articulação oral etc. Mas tudo isso tinha acontecido nos últimos 10 minutos que reservamos para o momento da novidade durante os encontros síncronos. Com a palestra do dia, fiquei pensando quantas contações de história, quantas surpresas poderíamos ter se proporcionássemos mais momentos de protagonismo das crianças. (Cursista Tais, 2020)

Esse curso tem um significado muito especial para mim. Ele acontece em um momento em que venho em uma busca por maior sentido nas coisas que faço, que leio, que ouço... Uma busca por uma vida mais intensa, profunda. Uma busca pelo que é humano e por me expressar de formas diversas. No campo profissional, uma busca por uma identidade e a possibilidade de dialogar com colegas pelas quais tenho imensa admiração e carinho. (Cursista Milena, 2020)

Este momento para mim foi único, apesar de ter sido corrido, ele proporcionou

que as sementes plantadas em meu ser professora pudessem ser renovados, além de terem sido germinadas novas sementes, levando-me a querer ousar ainda mais com minhas crianças, deixando-as viverem intensamente o "sujeito" que há no seu interior, para que futuramente possam espalhar muitas sementinhas por aí... No segundo encontro pude repensar qual é o meu olhar para os alunos que recebo em minha sala, será que estou reconhecendo-os como sujeitos capazes de produzirem conhecimentos? (Cursista Rosa, 2021)

O que me marcou nesse encontro foi refletir sobre como trabalhamos – ou não – a relação com o conhecimento na alfabetização. Precisamos deixar subjacente aos nossos alunos que eles trazem conhecimentos que podem ser compartilhados, explorados, incrementados e sistematizados. Dessa forma, compreendem que o saber é múltiplo, que nós somos sujeitos históricos produzindo conhecimento, que esse conhecimento é múltiplo e histórico e que esse conhecimento sistematizado e compartilhado se imortaliza. (Cursista Sueli, 2021)

Entre as modalidades de formação, entendemos com Soligo e Prado (2009), que propostas de ampliação do conhecimento pessoal e profissional só cumprem os propósitos que as justificam quando respondem de algum modo às necessidades e inquietações que eles têm.

Como nos diz Prado *et al* (2011), é sem dúvida na escola que os professores **continuam** seus fazeres, ressignificam o que sabem e fazem, em busca de caminhos para conhecer,

**Comentado [1]:** é continuam mesmo?

saber e aprender mais sobre a profissão e os modos de ser professor. Durante a pandemia, sem as interações e diálogos no espaço físico escolar, houve uma carência no que tange às redes de relações, a necessidade de se vincular a outros pares, de conversar e partilhar suas histórias. E foi então que, entre janelas virtuais, encontramos professores, reconhecendo-os como produtores, sujeitos do conhecimento.

A professora que vê na investigação de sua própria prática um importante instrumento de ação entende que alfabetizar seus alunos requer entender a lógica das ações infantis, mas também de suas próprias ações. A professora pode, então, vendo-se refletida no espelho, ver também nesta imagem seus alunos e alunas, desejando para si e para eles, um horizonte de novas possibilidades (PRADO; MORAIS; ARAÚJO, 2011, p. 60).

Nesse quadro teórico, a formação é encarada de maneira ampla, como um conjunto de experiências formativas ao longo da vida. Uma vez que

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim por um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal (NÓVOA, 1992; p.25).

Outra aposta importante que caracteriza o espaço privilegiado de reflexão e aprendizagem sobre si e sobre a própria formação, foi a produção de sentidos através das narrativas. Pensar possibilidades de se compreender a formação docente a partir de narrativas pressupõe considerar o professor como sujeito humano e ser social que, confrontado com a necessidade de aprender e devido à presença de diferentes conhecimentos em seu mundo, carrega relações características de sua história e singularidade. Vale dizer: este sujeito “tem uma história, interpreta o mundo, dá sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros [...]” (CHARLOT, 2000, p.33).

Nesta mesma direção, Domingos (2016) vai dizer que experiência é um acontecimento que só é possível como fruto do vivido. Ele afirma que diante dos relatos de experiência é possível pensar sobre os saberes pedagógicos. As narrativas podem revelar os saberes dos professores, contribuindo não só para produzir outros saberes, mas para continuar pensando, percebendo e compreendendo os acontecimentos que vivemos (DOMINGOS, 2016). Para o pesquisador, desvendar o vivido pode abrir possibilidades e sentidos para compreender melhor a educação.

Ainda, ao tratarmos da educação, no âmbito da formação de professores alfabetizadores, sinalizamos a necessidade de conhecer os mais variados elementos que envolvem as relações pedagógicas, assim como os processos sociais e históricos. Nesse sentido, reiteramos o nosso compromisso com a educação pública e o legado de Paulo Freire ao propor uma leitura de mundo, nos leva a pensar na construção de um ambiente formativo,

para educadores e educandos, que tome como ponto de partida o diálogo. Uma vez que

'Não posso ser professor a favor simplesmente do homem ou da humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais (FREIRE, 1996, p. 115)'

## 5 Considerações Finais

O compromisso com uma Educação Básica de qualidade considera uma perspectiva de educação democrática, plural, integral e inclusiva. Desejamos ressignificar o espaço formal de educação, sendo este acolhedor de desafios e estudos a respeito do ensino nos ciclos de alfabetização.

Constituímos juntas uma proposta de formação de professores alfabetizadores, que nasce das discussões entre professores da Educação Básica, que inovaram e ousaram em escutar outros professores. Desvelando a questão básica - Como professores pensam/planejam os processos de alfabetização dos estudantes? - sem buscar respostas prontas, e sim, autorais. Também, alimentando o sonho e o voo de quem ousa pegar na semente da palavra. Quem acredita que a alfabetização está envolvida em dimensões poético-estéticas, no que diz respeito à formação e ação do professor.

O desejo de criar um espaço articulador, de compartilhamento de práticas, atraiu a participação da comunidade e incentivou professores da Educação Básica. Inspira a criação de redes de formação, tendo a formação cidadã no horizonte, no sistema público. Esta ação estendeu o conhecimento produzido por professores para além dos muros do colégio universitário. E, ainda, protagonizou novas relações de ensino na alfabetização, no futuro, quem sabe possa ser influenciadora de novas ações políticas e pedagógicas.

Acreditamos que uma formação criativa e autoral deve ser pauta importante na área da Pedagogia, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil, estendendo-se aos Anos Finais do Ensino Fundamental e pode ser discutida ainda por professores do Ensino Médio. No Colégio Universitário, perpassa inda aos estágios e programas de formação inicial da universidade, que conta com a participação direta de centenas de estudantes de diferentes Cursos de Licenciatura nos últimos anos.

A forma e o conteúdo do curso, relacionados à vida, à arte e à ciência, inspiraram os portfólios produzidos, que baseiam-se em apostas conceituais que valorizam o profissional da educação, cumprindo a legislação educacional. Deste modo, contribuem na sociedade para liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber.

## Referências

- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- DOMINGOS, J. Contreras. Relatos De Experiencia, En Busca De Un Saber Pedagógico. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 14–30, 2016. Disponível em: <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2518>. Acesso em: 5 jun. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GOULART, Cecília Maria A.;Sujeitos, espaços educativos e processos de ensino-aprendizagem: uma discussão a partir de Bakhtin. **Revista Raído: Perspectivas de alfabetização – lições da pesquisa e da prática pedagógica**, Dourados-MS, v. 8, n. 16, jul./dez. 2014.
- GOULART, Cecília Maria; GARCIA, Inez Helena; CORAIS, Maria Cristina. **Alfabetização e discurso: dilemas e caminhos metodológicos**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2019.
- MORTATTI, Maria do Rosário. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. **Revista ACOALFA** plp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 5, 2008. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>.
- NÓVOA, António. Os professores e as Histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (org.) **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.
- PRADO, Guilherme V.T.; MORAIS, Jacqueline F. S.; ARAÚJO, Mairce da S. Processos de (auto) formação docente no cotidiano da escola: horizontes de possibilidades. RPD – **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v.11, n. 24, p. 53-67 , jul/dez. 2011.